

JUVENTUDE, GÊNERO E SEXUALIDADE NO CIBERESPAÇO: ALGUMAS POSSIBILIDADES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

YOUTH, GENDER AND SEXUALITY IN CYBERSPACE: POSSIBILITIES OF UNIVERSITY EXTENSION

Shirlei Sales Rezende¹;
Aline Gonçalves Ferreira²; Francielle Alves Vargas³

RESUMO

Com o advento da internet, da hiperconectividade e das múltiplas possibilidades de aprendizagem, a escola também se encontra imersa na cibercultura. Novas relações emergem deste processo evidenciando outras formas de lidar com as questões de gênero e sexualidades. Essa temática é alvo do debate promovido pela comunidade virtual *Sexualidade para garot@s* do Portal EMdiálogo [www.emdiálogo.uff.br], o qual consiste em uma ação de extensão universitária que congrega nove universidades públicas brasileiras. Essa rede social de diálogo é voltada para estudantes do ensino médio público e utiliza uma interface amigável ao universo cultural juvenil com linguagens e temáticas que também abarcam este universo. No caso da comunidade sobre as relações de gênero e sexualidades, o objetivo é proporcionar o diálogo entre os/as jovens tornando-os/as protagonistas nesse ambiente virtual. Este trabalho argumenta que a comunidade virtual *Sexualidade para garot@s* consiste em uma possibilidade de espaço formativo para a juventude ao problematizar as configurações sociais vigentes, por meio da contestação dos padrões estabelecidos, da heteronormatividade, e das relações desiguais entre homens e mulheres. O debate traz à tona questões que têm efeitos diretos nas escolas de ensino médio, habitadas pela juventude.

Palavras-chave: Extensão. Juventude. Relações de Gênero. Sexualidades. Ciberespaço.

ABSTRACT

With the advent of internet, the hyper-and multiple learning opportunities, the school also is immersed in cyberculture. New relationships emerge from this process showing other ways of dealing with issues of gender and sexuality. This theme is the subject of debate promoted by the virtual community Sexuality for girls and boys Portal EMdiálogo [www.emdiálogo.uff.br], which consists of one share of university extension that brings together nine Brazilian public universities. This network of social dialogue is geared towards public high school students and it uses a friendly interface to the universe youth with language and cultural issues which also cover this universe. In the case of the community about gender relations and sexuality, the goal is to provide dialogue between the young people, that become protagonists in this virtual environment. This paper argues that virtual community Sexuality for girls and boys consists of a possibility of training space for youth to discuss current social settings, by challenging the established Standards, of heteronormativity, and the unequal relations between men and women. The debate raises questions that have direct effects in high schools, occupied by youth.

Keywords: Extension. Youth. Gender Relations. Sexualities. Cyberspace.

¹ FaE/UFMG. Email: shirlei.sales@hotmail.com

² FaE/UFMG. Email: linegferreira@hotmail.com

³ FaE/UFMG. Email: francielleavargas@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Com o advento da cibercultura e os multiespaços de aprendizagem, a escola também se encontra conectada às redes sociais digitais e sites da Internet. Novas relações emergem neste processo e novas formas de lidar com as questões de gênero e sexualidade. Essa temática é alvo do debate promovido pela comunidade virtual *Sexualidade para garot@s* do Portal EMdiálogo [www.emdialogo.uff.br].

O Portal consiste em uma ação de extensão universitária desenvolvida conjuntamente pelo Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)⁴ e Observatório Jovem da Universidade Federal Fluminense (UFF)⁵ que teve início de suas atividades em 2009. Atualmente constitui uma das ações do Projeto Diálogos com o Ensino Médio com o apoio da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (MEC) e conta com uma Rede de Universidades parceiras que está composta, atualmente, pelas seguintes universidades: **UFF, UFMG, UFSCar** (região sudeste); **UFC** (região nordeste); **UnB**(região centro-oeste); **UFAM e UFPA** (região norte); **UFPR e UFSM** (região Sul). Sob a coordenação da UFF, a rede de nove universidades federais se articula de modo a promover diálogos, capacitações de professoras/es e pesquisadoras/es da juventude. A proposta de constituição da Rede é compartilhar metodologias, dificuldades e desafios enfrentados nas práticas cotidianas, dentro de contextos variados no território brasileiro. Com isso, a rede busca criar soluções coletivas, construir procedimentos comuns e intercambiar experiências no desenvolvimento das ações do Portal.

O objetivo principal dessa ação é potencializar o diálogo entre estudantes, professoras/es, pesquisadoras/es, comunidade escolar e demais interessadas/os no Ensino Médio de forma horizontal e transparente. Sua função é, prioritariamente, estimular debates e socializar conhecimentos e experiências que contribuam para a melhoria do Ensino Médio público no Brasil. A proposta do site é abordar diversificadas temáticas acerca das relações entre as/os jovens e o ensino médio, localizadas em variadas comunidades virtuais. O site utiliza uma interface amigável ao universo juvenil com linguagem e temáticas que também abarcam este contexto. No caso da comunidade juventude, relações de gênero e sexualidade, o objetivo é proporcionar o diálogo entre os/as jovens tornando-os/as protagonistas nesse ambiente virtual. A comunidade busca, portanto, problematizar as configurações sociais vigentes, nas quais as condutas de homens e mulheres são impostas na cultura, por meio da

⁴ O Observatório Jovem do Rio de Janeiro é um grupo de pesquisa cadastrado no diretório de grupos do CNPq e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade Federal Fluminense. O grupo iniciou suas atividades no ano de 2001 na Faculdade de Educação da UFF e passou a integrar o Programa de Pós-Graduação em Educação em 2003, caracterizando-se como grupo de estudo, pesquisa e extensão sobre o tema da juventude.

⁵ O Observatório da Juventude foi criado em 2002, com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e do Centro Cultural da UFMG. É um programa de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Educação da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Desenvolve atividades de investigação, levantamento e disseminação de informações sobre a situação dos jovens na Região Metropolitana de Belo Horizonte, além de promover a capacitação tanto de jovens quanto de educadores e alunos de graduação da UFMG interessados na problemática juvenil.

construção de identidades de gênero e sexualidade. O debate traz à tona questões que têm efeitos diretos nas escolas de ensino médio, habitadas pela juventude.

Juventude nas redes sociais

A internet abre o caminho para que os indivíduos se tornem membros de diversas comunidades virtuais, que não estão enraizadas física e geograficamente, possibilitando a produção e distribuição de seus próprios produtos culturais, como diz Kenway (1998). Assim, ela não deve mais ser vista como apenas um local de busca de informações, mas também um espaço de compartilhamento de saberes, produção de conhecimento, que formula novas formas de sociabilidade, constituindo assim, a cibercultura⁶. As novas possibilidades criadas por meio da rede mundial de computadores, da internet, das mídias eletrônicas, modificam modos de pensar e agir. Garbin afirma isso dizendo que “a mídia eletrônica se apresenta como um avanço tecnológico capaz de modificar nosso comportamento” (GARBIN, 2003, p. 121). Essas modificações possuem elementos que ampliam possibilidades, trazendo novas condições e olhares em diferentes espaços.

O ciberespaço⁷ não possibilita apenas a expansão das relações sociais no espaço-tempo, mas também minimiza a distância geográfica entre as pessoas e os lugares, proporcionando a interconexão global. As ferramentas de redes sociais possuem papel fundamental quanto à interação das juventudes nesse ambiente virtual. Para alguns, rede social nada mais é do que a nova denominação para comunidade virtual; para outros, são coisas distintas, ainda que possam coexistir no mesmo ambiente (BIANCONI, 2010).

Com o advento das redes sociais digitais e do ciberespaço, jovens passam grande parte do tempo conectadas/os a estas redes e, desta forma, novas maneiras de lidar com a sexualidade emergem neste processo. Com relação ao conteúdo destas redes sociais, como diz ZILLER (2011), o processo de assimilação e reprodução do conteúdo aproxima-se ao movimento literário modernista do século XX, o movimento antropofágico cujos jovens “devoram” este conteúdo e reproduzem-no com as experiências pessoais de cada um/a. A autora chama estes/as jovens de “Usuários Antopofágicos”, em que as redes sociais parecem estimular o ato de ‘devorar’ o que os outros publicam, fazer associações, inferências, aplicar experiências próprias e republicar. O que, segundo Ziller (2011), se assemelha muito ao ideal antropofágico que guiou os modernistas na primeira metade do século XX.

A informação é recontextualizada, potencializando interpretações em linhas diferentes daquela que se pretendia quando a publicaram primeiro. Esse novo conteúdo, que é composto pelas informações originais e por tudo o que acrescentamos, passa a ser um pouco nosso – e essa apropriação acontece independentemente de termos produzido alguma das partes que enviamos ou apenas combinado informações diferentes que encontramos na Internet (ZILLER, 2011, p. 88).

O Portal EMdiálogo oferece a junção de eixos que são marcas da cultura juvenil, como por exemplo: a cibercultura, discussões sobre escola, sexualidade, música, política, regras

⁶ A cibercultura é um movimento que proporciona novas formas de comunicação, de relacionamentos e sociabilidade no ambiente virtual, no ciberespaço.

⁷ Ciberespaço consiste no “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores”. (LEVY, 1999, p. 17).

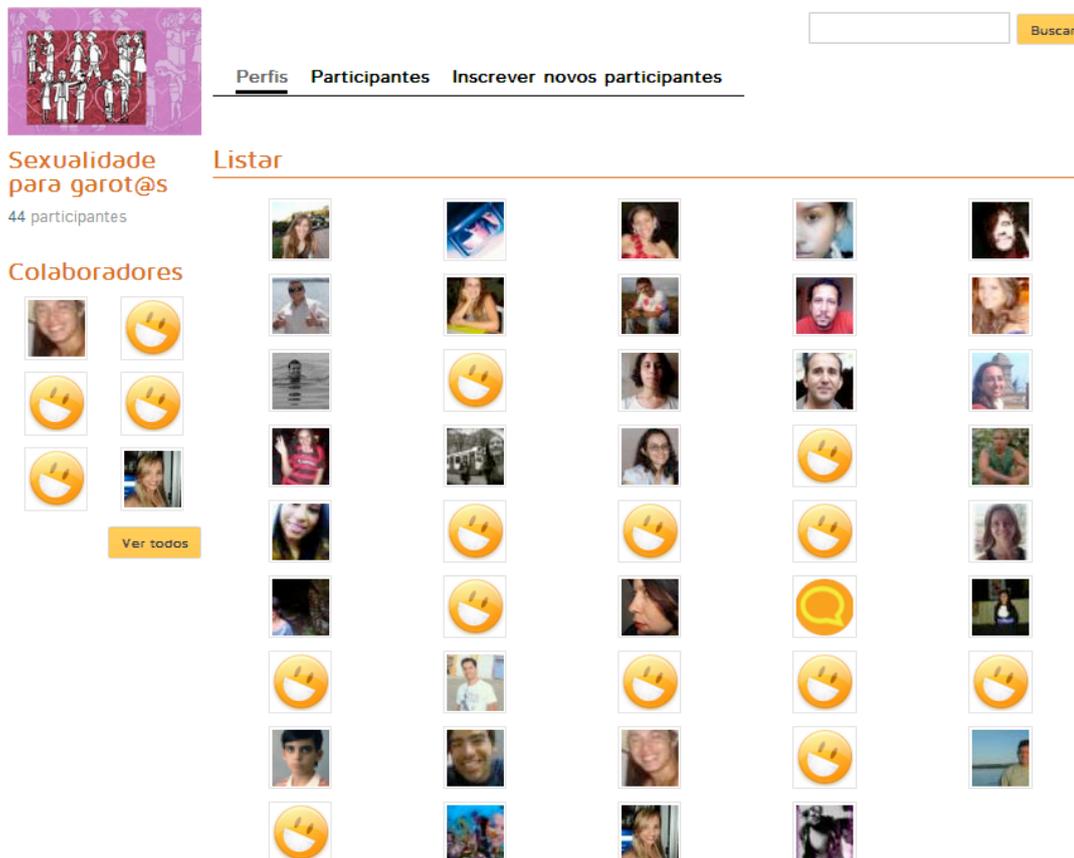
escolares, entre outras. Como afirma Ziller (2011), os/as jovens “devoram” as publicações e ferramentas do ciberespaço produzindo e reiventando as múltiplas possibilidades que o “estar online” oferece. É neste âmbito que se insere o Portal EMdiálogo, que passamos agora a discutir.

As Comunidades EMdiálogo

A rede social *EMdiálogo* (www.emdiálogo.uff.br) é formada por comunidades sócio-interacionais que possibilitam o diálogo, o protagonismo juvenil e estimulam a autonomia e a participação dos/as jovens de forma crítica, livre e interativa, Figura 1. O Portal está organizado em 40 comunidades temáticas, nas quais são disponibilizados conteúdos, em diferentes suportes como vídeos, áudios, imagens e textos. Atualmente, o Portal conta com mais de 300 vídeos, atualizações e publicações de artigos diariamente que estabelecem uma relação direta com o universo das culturas juvenis e das escolas de ensino médio brasileiras.

A partir do momento em que os/as jovens criam um perfil no site e se inscrevem nas comunidades que lhes interessam, estão autorizados/as à fazer comentários por meio de postagens e também enviar um pedido para a criação de novas comunidades. Isso acontece quando o/a jovem navega pelo Portal e percebe que algum tema que deseja discutir, refletir, ainda não foi contemplado e deseja criar uma comunidade para subsidiar essa discussão. Os nomes das comunidades são próprios do universo juvenil, em uma tentativa de aproximar a linguagem desta rede a vivência juvenil.

ensino médio; Bagunceir@, EU?; entre outras. Nestas comunidades estão reunidas discussões com as quais as/os participantes se identificam e “curtem” aquela temática, como a Comunidade Sexualidade para Garot@s, Figura 2.



Figuras 2 - Participantes da Comunidade Sexualidade para Garot@s.

Fonte: <http://www.emdiálogo.uff.br/node/3028>

Os/as usuários/as participantes e colaboradores/as das comunidades têm a possibilidade de convidar outros/as usuários/as a se cadastrarem no Portal e serem igualmente colaboradores/as destas comunidades, de modo a potencializarem a diversificação das discussões e os efeitos dessas publicações no Portal. Esse movimento é possível porque a ferramenta de rede social EMdiálogo permite que o/a novo/a colaborador/a convide outros/as usuários a se inscrever nas comunidades e assim sucessivamente, ou seja, cada membro da comunidade, após ter efetivado sua inscrição no Portal e nas comunidades pode convidar mais amigos/as e estes/as podem convidar outros/as fazendo que as discussões propostas pelo Portal alcancem os mais diversos grupos juvenis. A imagem abaixo mostra o funcionamento de uma comunidade.

As publicações realizadas nas comunidades EMdiálogo são apenas os primeiros passos para o extenso diálogo realizado através da participação dos/as usuários/as no campo dos comentários. Além disso, é possível estender essas discussões para outros ciberespaços, por meio do compartilhamento destes conteúdos nas outras redes sociais digitais, tais como *Facebook, Twitter, Youtube, etc.*

Na rede social EMdiálogo temos a comunidade *Sexualidade para garot@s*, Figura 3, cuja a proposta é promover o diálogo sobre as relações de gênero e sexualidade em uma perspectiva de interesse da juventude. Nela são postados vídeos, artigos, imagens com o objetivo de problematizar normas culturais preestabelecidas que controlam as relações de gênero e sexualidade.

Comentários

Muito Avançamos Na Luta Feminista, Mas Em Alguns Aspectos Não
Enviado por Mirian Teresa de ... em qua, 11/04/2012 - 10:55.

Muito boa essa matéria, muito avançamos na luta feminista, mas em alguns aspectos não, que é a questão cultural.

Ainda PREVALECE nas sociedades, uma visão da mulher, no que se refere a sua sexualidade, baseada na forma masculina de classificar as mulheres, que é ancorada em uma representação simbólica dicotômica- a mulher santa X a mulher vadia. E vivemos ainda, o que o sociólogo Pierre Bourdieu já defendia, as estruturas econômicas não avançam no mesmo ritmo das estruturas simbólicas.

Mesmo que haja um nível de escolarização maior na população feminina, ou que elas estejam maciçamente no mundo do trabalho, os valores que produzem e reproduzem a forma como as mulheres são percebidas, julgadas, ainda são valores tradicionais. Como quebrar esse ciclo?

Aposto naquilo que o referido sociólogo, nos ensinou, sem ser reducionista- que há de se promover mudanças nas instituições socializantes, como a família, a Escola, a Igreja...(Bourdieu, 1999)

Daí apostar em uma educação não sexista pode ser um caminho.

Ah, lembrando adorei o vídeo da menina americana postado antes no Portal. Abs em tod@s

[responder](#) [Denunciar Comentário](#) [apagar](#)

Muito Boa A Matéria
Enviado por Mirian Teresa de ... em qua, 11/04/2012 - 11:16.

Muito boa a matéria, embora tenhamos muito avançado na luta feminista, ainda engatinhamos na questão cultural quando avaliamos a sexualidade. Ainda temos nas sociedades uma forma de valorar as mulheres baseada em uma construção cultural baseada machista, em uma maneira de pensar masculina. Esta está ancorada em uma visão dicotômica da mulher santa e da mulher vadia. São representações ainda atuais, mesmo que haja avanços na condição feminina no mundo do trabalho e na escolarização, entre outras. E tomando o que Bourdieu discutia, há ainda um descompasso entre as mudanças das estruturas econômicas e as simbólicas. Como quebrar esse ciclo? Aposto nas discussões do sociólogo, não sendo reducionista... É necessário uma transformação das instituições socializantes, como: Escola, família, Igreja (BOURDIEU, 1999). Aposto em uma educação não sexista ... Ah, vale lembrar, muito bom o vídeo da menina americana, postado nesse Portal. Abs à tod@s...

[responder](#) [Denunciar Comentário](#) [apagar](#)

Mirian Teresa, Você Tem Toda Razão.
Enviado por fvargas em qua, 11/04/2012 - 16:21.

Mirian, precisamos investir tempo em discussões deste gênero para que a sociedade, assim como algumas mulheres, entendam que o papel da mulher não se restringe à um protótipo estereotipado carregado de marcas de desvalorização e inferioridade.

O caminho é esse!

[responder](#) [Denunciar Comentário](#) [apagar](#)

Concordo!!
Enviado por Aline Ferreira em qua, 11/04/2012 - 16:43.

Assim como Daniel Oliveira diz no artigo, é importante que as mulheres sejam livres sexualmente e se sintam melhores com isso, sem sentimento de culpa ou arrependimento. Vivemos em uma sociedade castradora e como a fvargas disse, as mulheres são estereotipadas e carregam marcas que vão sendo naturalizadas desde a infância. Para quebrar o ciclo, Mirian Teresa, temos que desnaturalizar essas imposições culturais. Como você disse, tem que haver transformação ou no mínimo estranhamento de concepções já naturalizadas!

Figura 3 - Discussões realizadas na comunidade *Sexualidade para Garot@s*.

Fonte: <http://www.emdiálogo.uff.br/node/3094>

Quanto ao gênero, incita-se a discussão acerca das inúmeras produções culturais em torno das diferentes possibilidades de vivência das feminilidades e também das

masculinidades. Questionam-se as posições desiguais atribuídas socialmente aos homens e às mulheres. No âmbito da sexualidade, a comunidade problematiza os modos em que a heterossexualidade é posicionada socialmente como a única forma da sexualidade normal, saudável e, portanto, hierarquicamente superior. Na comunidade, busca-se oferecer elementos culturais diferentes do que comumente circula no senso comum e informação aos/às jovens para que eles possam ser protagonistas neste cenário.

Sexualidade, Relações de Gênero e Escola

A sexualidade pode ser entendida como a vivência dos prazeres e desejos, constituída por uma complexa combinação de sentidos, representações e valores, passíveis de alterações, visto que não apresentam uma forma estática. As transformações históricas e sociais foram modificando os conceitos e as formas de se ver e viver as práticas sexuais. A palavra gênero representa as múltiplas possibilidades dentro da cultura de nos reconhecermos femininos, masculinos, homens e mulheres. As relações de gênero são construções sociais, políticas e culturais de percepções sobre o que é ser homem e mulher.

Em uma sociedade na qual as condutas de homens e mulheres são produzidas na cultura, as identidades são delimitadas por espaços e comportamentos sob um rígido controle e vigilância das relações de gênero e sexualidade. O padrão heterossexual como a única possibilidade válida é veiculada e propagada em diversas instituições sociais, até mesmo na escola, desde as séries iniciais, por meio da heteronormatividade.

A heteronormatividade legitima o padrão heterossexual como o único possível de ser vivido, por meio de um processo contínuo “produção e reiteração compulsória da norma heterossexual” (LOURO, 2009, p.90). Institui-se um sistema de vigilância social em que homens e mulheres são condicionados a demonstrarem apenas comportamentos que correspondam ao sexo biológico e com o desejo heterossexual.

Paraíso e Mendes (2004), afirmam que grande parte desses discursos

mantém a sexualidade como um problema limitado àqueles que “abusam”, “excedem” ou “transgridem” nesse terreno. Trata-se de instâncias que proclamam o que consideram a “verdade” da sexualidade, falando sobre o certo e errado, o que é decente ou indecente, legal ou ilegal, normal ou anormal (MENDES, 2004, p.71).

A sexualidade trabalhada no currículo escolar, na maioria das vezes, fica restrita aos aspectos ligados à reprodução heterossexual como métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência e deixa-se de lado reflexões que poderiam ser valiosas na construção de uma sociedade menos preconceituosa e

discriminatória. O currículo escolar costuma reduzir a discussão da sexualidade na juventude em dois temas: gravidez na adolescência e prevenção às DST/HIV.

A educação em sexualidade e relações de gênero, por exemplo, deve contemplar reflexões sobre hierarquias de gênero e sexualidade na busca de uma formação que abra novas possibilidades para se pensar questões que muitas vezes são naturalizadas e passam despercebidas no cotidiano.

Para além de tratar questões sobre gravidez na adolescência, métodos de prevenção, na comunidade *Sexualidade para garot@s* do Portal EMdiálogo problematiza-se a visão que reforça a exclusividade feminina nas atividades relacionadas à reprodução, gestação e cuidado com os/as filhos/as. Enquanto o currículo escolar, de modo geral, deixa de lado algumas reflexões importantes sobre a temática da sexualidade, bem como, as relações de gênero, representações na sociedade, a divisão de papéis a serem desempenhados, o Portal EMdiálogo, por sua vez, com a proposta de ser um ambiente virtual democrático, que proporciona o diálogo dos/as jovens de forma horizontal, pode ser um aliado e contribuir para a inovação no fazer pedagógico, à medida que propõe a discussão de temas muitas vezes silenciados pelo currículo escolar e pela sociedade.

Nesse cenário, a comunidade *Sexualidade para garot@s* é um espaço que possibilita diálogos sobre temáticas que se relacionam à sexualidade, gravidez na adolescência, padrões de comportamento, feminino e masculino, Figura 4, e respeito às diferenças entre tantas outras.

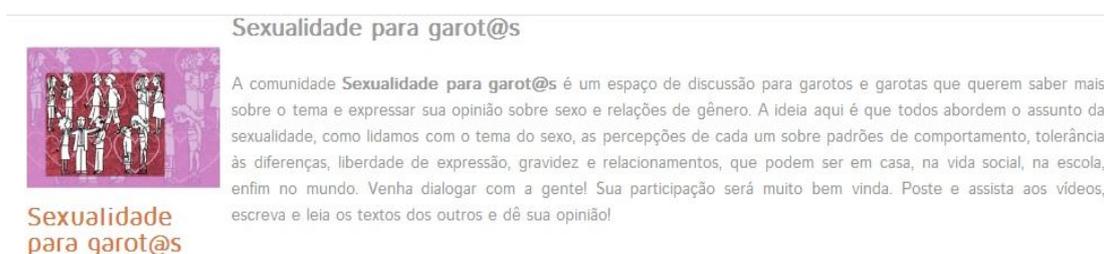


Figura 4 - Imagem do avatar e descrição da comunidade *Sexualidade para garot@s*.

Fonte: <http://www.emdialogo.uff.br/node/3028>

Na comunidade *Sexualidade para Garot@s* busca-se problematizar as configurações sociais vigentes. Isso é feito por meio de postagens de reportagens, vídeos (Figura 5), filmes, imagens, textos (Figura 6), ou seja, diversificadas maneiras de sensibilizar o/a jovem e trazer para o debate questões que têm efeitos diretos nas escolas de ensino médio, habitadas pela juventude.

Se ser vadia é ser livre...

Enviado por Aline Ferreira em ter, 09/10/2012 - 12:48



Link do vídeo:



5 mulheres apanham a cada 2 minutos no Brasil.

40% das mulheres já sofreram violência física, sexual ou simbólica.

Duas mulheres são estupradas por dia no Distrito Federal e 78% das vítimas são crianças e adolescentes.

Slut é um termo em inglês que significa "vagabunda". Slut Walk é um movimento que foi iniciado em Toronto, no Canadá, em maio de 2011, depois que um policial, ao proferir uma palestra sobre segurança num campus universitário, argumentou que as estudantes deveriam evitar se vestir como vagabundas para não se tornarem alvo fácil de

Figura 5 - Conteúdo da comunidade Sexualidade para Garot@s.

Fonte: <http://www.emdialogo.uff.br/node/4025>

"As Cantadas" - Violência simbólica naturalizada

Enviado por fvargas em qui, 12/09/2013 - 12:55



Natália, de 28 anos, andava por uma avenida movimentada de São Paulo com uma amiga. O rapaz que vinha na direção oposta se esgueirou entre as duas. Encarou-as de alto a baixo e soltou: "Sem calcinha vocês devem ser uma delícia". Débora, de 29 anos, esperava o semáforo abrir para atravessar uma avenida. Foi abordada por um estranho que a convidava para um café. Puxou-a pelo braço, insistiu e depois começou a segui-la. Thatiane, de 23 anos, estava numa festa. Sentiu alguém deslizar a mão por seu corpo. Ela se voltou para tirar satisfação, e o rapaz a chamou de vagabunda.

Figura 6 - Conteúdo da comunidade Sexualidade para Garot@s.

Fonte: <http://www.emdialogo.uff.br/content/cantadas-violencia-simbolica-naturalizada>

O Portal EMdiálogo também conta com a comunidade *Eu tenho um amigo gay, e você?* cujo objetivo é discutir sobre questões da sexualidade, experiências que os/as jovens possuem em suas vivências, com amigos/as, colegas da escola e como reagem nas diferentes

<http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica>

situações do cotidiano. Homofobia, heteronormatividade, preconceito e discriminação são temáticas abordadas também nessa comunidade. As várias cenas cotidianas de preconceitos e discriminações que acontecem em relação à orientação do desejo sexual e que, muitas vezes, não são problematizadas ou discutidas no currículo escolar, são postas em discussão também nessa comunidade. Dessa forma, o Portal EMdiálogo pode contribuir não só no cenário escolar trazendo à tona essas problemáticas, mas no âmbito da sociedade, discutindo e analisando criticamente essas concepções que desrespeitam o ser humano nas suas individualidades.

Concluindo...

A redes sociais digitais e seus protocolos de conectividade transformaram cada pessoa conectada em um nodo, ou seja, um nó, uma ligação, com possibilidades tanto de receber quanto de enviar informações, característica essa que muda a forma com que as pessoas se relacionam com o tempo e o espaço. Pierre Lévy fala sobre esse fenômeno:

A cibercultura expressa o surgimento de um novo universo, diferente das formas culturais que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer. Precisamos, de fato, colocá-lo dentro da perspectiva das mutações anteriores da comunicação (LÉVY, 1999, p. 15).

Nas redes sociais digitais os/as jovens estão imersos a várias formas e perspectivas em relação a temáticas variadas, até mesmo às questões de gênero e sexualidade. Nas redes sociais, estas/es jovens dispõem de multi-possibilidades de formas para lidar com os conteúdos compartilhados. Esse espaço de compartilhamento de experiências proporcionado pelas redes sociais torna-se um campo fértil e impulsionador de representações de gênero e sexualidade, além de construtor de imaginários reproduzidas a partir das experiências nestas redes sociais.

Nas comunidades das redes sociais o/a jovem, ainda que não tenha interesse em atuar diretamente naquela comunidade seja produzindo conteúdo, participando das discussões ou republicando e curtindo aquele conteúdo, ele/a estará, no mínimo, engajado/a em um contexto informacional que lhe oferece mais de uma perspectiva em relação à sexualidade e gênero, por exemplo, provocando neste/a jovem outras formas de perceber as questões de gênero e sexualidade, diferentemente do olhar normalmente divulgado no senso comum.

O Portal EMdiálogo, enquanto uma ação de extensão universitária endereçada prioritariamente à juventude, promove uma problematização das relações de poder que constituem as relações sociais em torno de inúmeras questões, dentre as quais destacamos neste trabalho as dimensões de gênero e sexualidade. Seus efeitos ainda estão por ser conhecidos e analisados. De todo modo, os processos metodológicos acima descritos têm se mostrado eficazes, o que pode ser visto nos seguintes números de acesso e alcance do Portal EMdiálogo: Visitantes únicos em agosto de 2013: 21.233; Visualizações da página no mesmo mês: 52.240; Visitantes únicos no último ano: 139.661; Visualizações da página no último ano: 452.742. Esses números evidenciam que a cibercultura tem interpelado a sociedade

contemporânea e ocupado boa parte das práticas cotidianas. Isso nos leva a acreditar que essas ações, no âmbito da extensão universitária, podem contribuir para a produção de modos de existência juvenis mais democráticos, menos preconceituosos, de modo a colaborar para a construção de uma sociedade mais justa e um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

D'ANDREA, Anna Claudia Eutrópio B.; NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz. *Juventudes, sexualidade e relações de gênero*. In: CORREA, Lycinia Maria (org.). *Projeto Diálogos com o Ensino Médio: Curso de Atualização Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador*. Belo Horizonte – MG, 2012.

KENWAY, Jane. Educando cibercidadãos que sejam “ligados” e críticos. In: SILVA, Luiz Heron. (Org.). *A escola cidadã no contexto da globalização*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 99-120.

GARBIN, Elisabete Maria. Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 23. p. 119-35, maio/jun./jul./ago. 2003.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

PARAÍSO, Marlucy; MENDES, Cláudio Lúcio. Dicionário crítico da educação: Sexualidade e Currículo. *Presença Pedagógica* v.10, n55, Belo Horizonte: Dimensão, jan/fev. ,2004,p. 70-75.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ZILLER, Joana. *Prodisage, a lógica do usuário antropofágico*. In: Maria Aparecida Moura. (Org.). *Cultura Informacional e Liderança Comunitária: concepções e práticas*. Belo Horizonte: PROEX UFMG, 2011.

RECEBIDO EM: 20/09/2013.

APROVADO EM: 21/09/2015.